

CANTO A MI TIERRA



"Nada resulta superior al
destino del canto.
Ninguna fuerza abatirá
tus sueños
Porque ellos se nutren
con su propia luz
Se alimentan de su
propia pasión
Renacen cada día,
para ser"

Atahualpa Yupanqui



SALA DE ATIVISMO
EDIÇÃO 1

Voy subiendo y conmigo suben los ancestros, los maestros, los ángeles y el misterioso poder de la Pachamama, faunos, duendes, arquetipos, mitos y los compañeros de todas las épocas que murieron donando su vida por la Patria Grande Pachamama. No caminamos solos, los guerreros del Tahuantinsuyu suben con nosotros.

Lucidor Flores



AQUI, NESTA TERRA

POR TANIA MENDIZABAL

Aqui nesta terra, canta, canta, odas de amor a la Madre, em sussurros e vozes, assobios e melodias, de todos os cantos se escuta a vida nascer! Brota fértil, em cada aresta, a animada poesia que alegra os destemidos corações latinoamericanos. O sonho das abuelas e abuelos seguem costurando as doces ilusões das crianças, que encantadas, brincam de ser humano.

Aqui a Consciência Pachamama segue seu fluxo nesse rio de solidariedade que flui em uma brilhante e fugaz aventura onde se encontram as delirantes paixões, oferendadas a si mesmas, nesse ninho infinito e aconchegante da terra.



Feitos braços que abraçam, os milenários vales e montanhas se ocupam de cuidar-nos e preservar o mesmo equilíbrio sutil em que cresceram os ancestrais campesinos, originários dessa terra, se conserva aqui a alquimia que alimenta, de instante a instante, com seu próprio corpo o ser que nasce, que canta e é cantado.

Nessa terra de paisagens fulgorantes não se pretende nada além de ser aquilo que viemos ser, um milagre, uma expressão intensa e sensível, um voo liberto e entregue aliado a toda a existência, em um perfeito e maravilhoso movimento de doar-se. Permeia nosso imaginário e vive no útero latente de Pachamama, as sementes que voltam para prover à suas filhas e filhos a dignidade do pão, da terra e do trabalho e canta, canta, a memória daqueles que forjaram a América antes mesmo que ela fosse chamada assim.



NESSA EDIÇÃO

URUGUAY:
O VANGUARDISTA
LATINO-AMERICANO



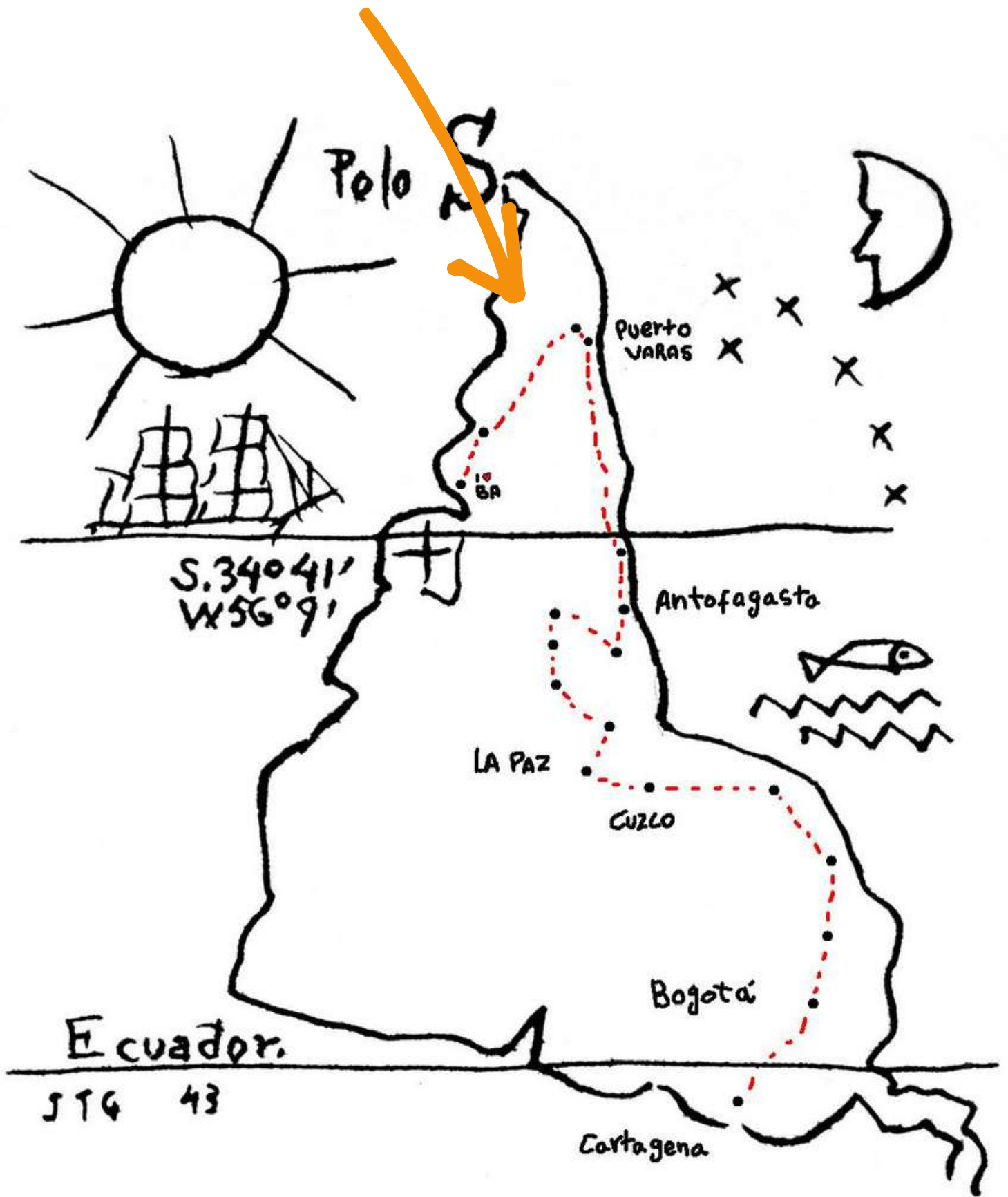
PESQUISA:

ATIVISTAS

Esmeralda Molina
Verônica Obelar
Milena de Oliveira

PRODUÇÃO EDITORIAL:

Astreia Mendizabal
Tania Mendizabal



Polo

Puerto VARAS

LA PAZ

Cuzco

Bogotá

Cartagena

Antofagasta

S. 34° 41'
W 56° 91'

Ecuador.

5 16 43

“El sur también existe”

...

con su corno francés
y su academia sueca
su salsa americana
y sus llaves inglesas
con todos sus misiles
y sus enciclopedias
su guerra de galaxias
y su saña opulenta
con todos sus laureles
el norte es el que ordena

pero aquí abajo abajo
cerca de las raíces
es donde la memoria
ningún recuerdo omite
y hay quienes se desmueren
y hay quienes se desviven
y así entre todos logran
lo que era un imposible
que todo el mundo sepa
que el Sur también existe.

Mario Benedetti



O Uruguai, um país pequeno, quase esquecido senão fosse essa propensão espontânea de seu caráter em dar vida a rotas novas e profundamente humanas. É um vanguardista, pioneiro em adotar medidas de direitos civis e democratização da sociedade. Em 1907, foi o primeiro a legalizar o divórcio.

Em 1932, o segundo país de toda a América a dar às mulheres o direito de votar. Em 2007, foi o primeiro país sul-americano a legalizar uniões civis entre pessoas do mesmo sexo. E, em 2013, aprovou o casamento entre pessoas do mesmo sexo e foi o primeiro país do mundo a legalizar o cultivo, a venda e o consumo de marijuana.

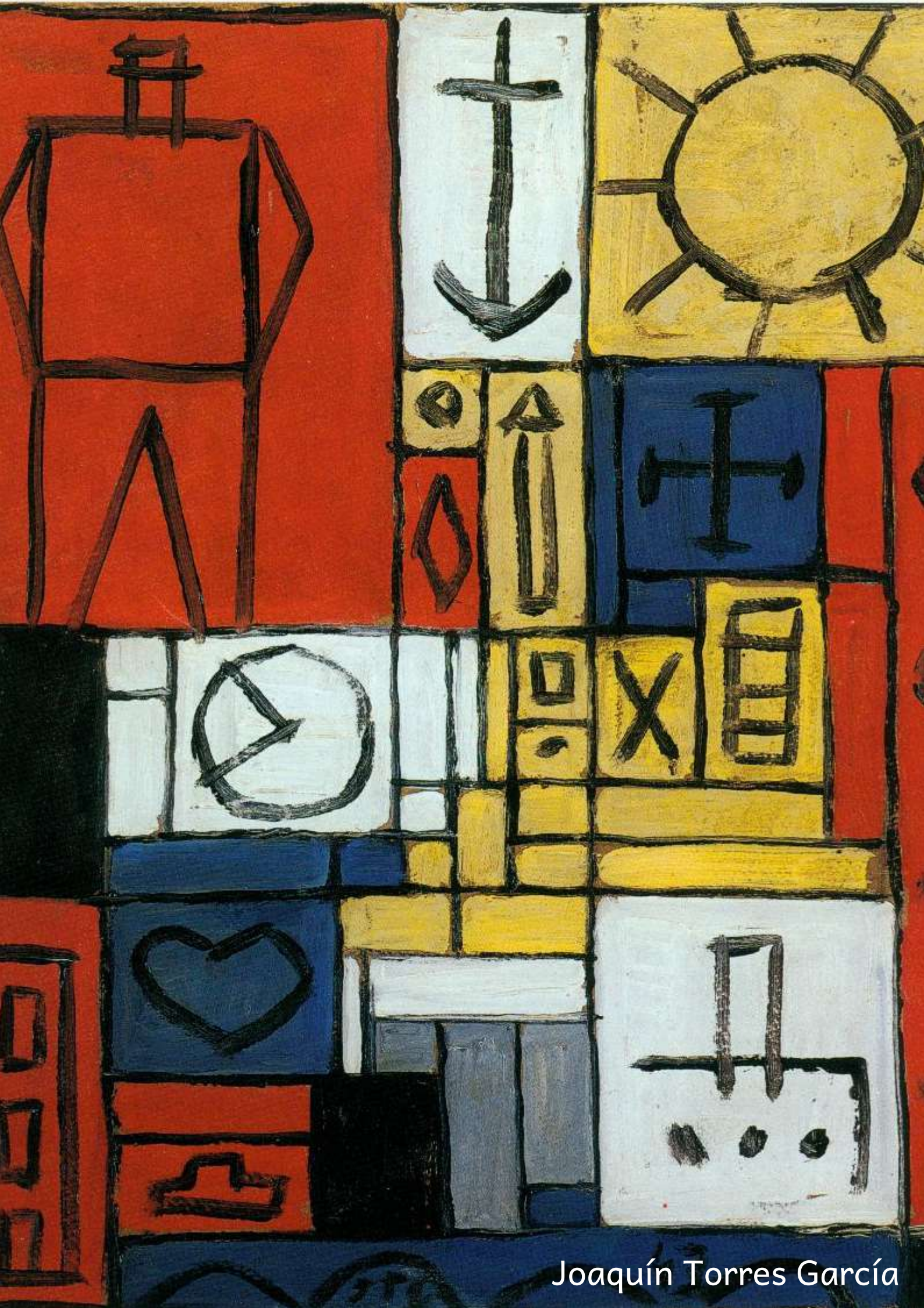
Sua cultura, hermosa, é diversa em sua natureza, uma vez que a população do país é de origem multicultural, com influência europeia, indígena e negra.

Na música, o candombe, o tango e a milonga carregam os traços de negros e europeus que colonizaram o país, especialmente nas vozes de Jaime Roos, Alfredo Zitarrosa e Carlos Gardel e, mais atualmente, Daniel Viglietti e Jorge Drexler.

O tango é uma das mais genuínas e originais expressões culturais do rio da Prata. Nascido da fusão das tradições africanas e dos ritmos europeus, é uma testemunha fiel da história cultural da região. A gestação do tango ocorreu tanto em Buenos Aires quanto em Montevideu. O 'hino' de todos os tangos, La Cumparsita, foi escrito pelo uruguaio Gerardo Matos Rodríguez. Do mesmo modo, Carlos Gardel, o maior intérprete de tango da história, é "supostamente" uruguaio (um pequeno mistério).

Na literatura, Eduardo Galeano e Mario Benedetti levaram para o mundo a visão dos latino-americanos sobre a vida, os mitos, a mágica ternura poética e a desigualdade do continente.

Nas artes visuais, Vilaró e Torres García surpreenderam com cores e formas que muito dizem sobre o Uruguai. Independente da forma de manifestação cultural, um ponto é comum à cultura uruguaia: ela é autêntica, se diferenciando de qualquer outra que conhecemos.



Joaquín Torres García

O INÍCIO DESTE PERCORRIDO NASCE...

POR ASTREIA MENDIZABAL

... do canto sul da América quase esquecido, bem inspirado pelo mapa do uruguaio: Joaquín Torres Garcia.

Há dois imensos países que o apertam e o oceano atlântico que, quiçá é o que inspira a amplitude do olhar deste hermano latino americano.

Amplitude por trazer um povo sensível e crítico. Por um tempo perdurou a imagem que o intitulava como a Suíça americana, quando as vacas gordas abasteciam a economia através da exportação de bens de consumo para alimentar soldados no velho continente (a guerra sempre dando frutos econômicos). Boa parte da população nos centros urbanos eram massas de funcionários públicos.

Para um país basta mexer-se um pouco para perceber que nem tudo é o que aparenta ser e por óbvio os campesinos e trabalhadores se viam ilhados nos conflitos sociais e ausentes de sindicatos e organização.

Isso começa a mudar quando um chico determinado decide dizer basta a imagem e se une aos de abaixo, seu nome era Raul Sendic. Logo nascem os Tupamarus que lutam pela distribuição de riqueza para todos. É uma semente que começa a mobilizar faíscas de consciência, brotam Benedettis, Vigliettis, Galeanos e acende-se uma fogueira de dignidade e identidade latina, não só no Uruguai, mas no mundo todo. É uma estética pícara, lúcida, amorosa e terna, um raio de influente consciência.

Nesta terra de gaúchos, gentes simples, de campo, dos silêncios onde os militares eram especializados em tomar mate nos fins de tarde, abre-se uma encruzilhada e tudo muda. Os anos de chumbo, de luta logo se intensificam com a ditadura que chega. As liberdades são perigosas e Pedros, Marias, Joãos e Josés são agora não mais povo, mas perseguidos políticos.

Após esses anos de escuridão, muitos dos militantes que seguiram vivos abriram uma porta audaciosa adentro de Si Mesmo e uma certa dignidade ajudou a provocar um salto, um câmbio e já na democracia, Uruguai adentra em um período progressista, onde os direitos sociais são cada vez mais justos, 1 milhão de pessoas saem da pobreza e inovações movem a sociedade, quebrando tabus e crenças como a legalização da produção e consumo da Marijuana e o casamento homoafetivo. A autodeterminação dos povos é defendida. Isso é fruto de muitos militantes que seguiram a luta e ampliaram o ver, saindo da perspectiva minimalista do poder e abrindo a um questionamento real sobre qual sociedade sonhamos viver.

Aliás, o continente latino havia entrado em uma certa primavera e os direitos sociais vinham florescendo e avançando até que uma nova onda abala, influi e corta não só pescoços, mas árvores, consciências e, claro, liberdades. A América dá passos atrás e após 15 anos, em 2020 o neoliberalismo toma o poder no Uruguai.

Que passou?

Lacalle Pou, alinhado a Jair Bolsonaro (Brasil), Jeanine Añez (Bolívia), Ivan Duque (Colômbia), Sebastian Piñera (Chile) e Lenín Moreno (Equador) prometeu acabar com a violência, o desemprego e a trazer um retrocesso nas matérias políticas sociais que justo o Uruguai havia avançado nos últimos 15 anos. A que custo? Privatização de empresas públicas, criminalização de protestos sociais, revisão dos direitos trabalhistas e mercantilização da educação que historicamente foi gratuita e laica.

Meras coincidências não são reais no mundo político e social e olhar um mesmo mapa do tesouro se repetindo no Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e etc... te faz perguntar, mas que tesouro é esse? O opressor é o mesmo, é um motor que avança trazendo intolerâncias, medos, inseguranças, em troca de avanços que justificam tudo, não é ético, nem justo e muito menos consciente.

A América está invadida, porém não tomada e este é o momento de liberar o Canto desta terra.

astreia

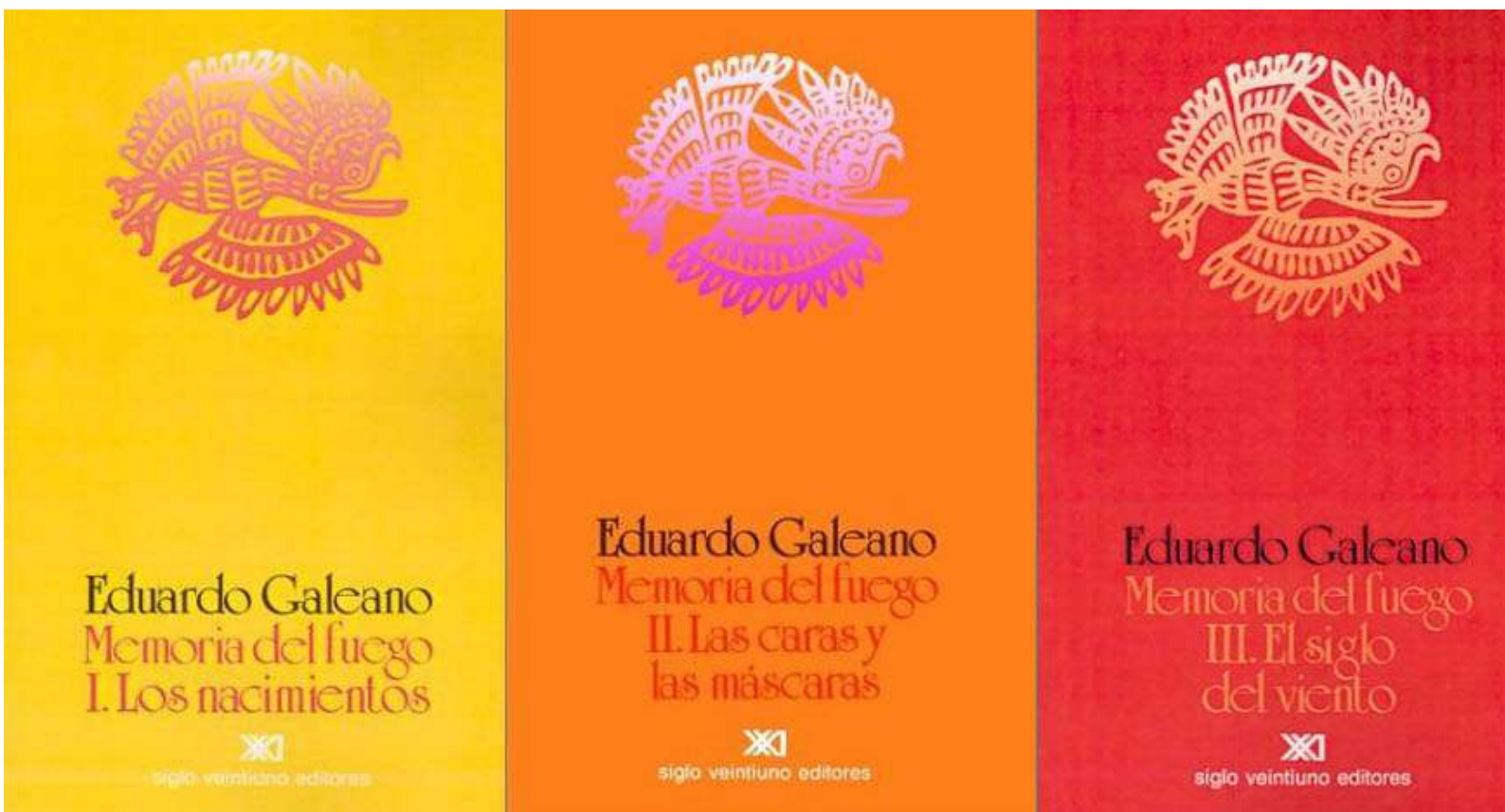


1940 - 2015



O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência.
Nem uma culpa como nos fez crer a
religião. O corpo é uma FESTA.

Eduardo Galeano



Alguma de suas obras:

As Veias Abertas da América Latina (1971)

Memória do fogo (1982-1986)

Dias e Noites de Amor e Guerra (1975)

Os filhos dos dias (2012)

Mulheres (1997)

<https://vimeo.com/46213265>


OS TUPAMAROS

POR MEMORIAL DA AMERICA LATINA

O Movimento de Libertação Nacional — Tupamaros (MLN) nasceu em 1962, quando jovens socialistas se indignaram com o trabalho a qual eram submetidos nas plantações de cana-de-açúcar em Bella Unión, no Departamento de Artigas, fronteira com o Brasil. Formaram o Sindicato dos Cortadores de Cana-de-açúcar e pediram a consultoria de um certo estudante de direito que decidiu abandonar a faculdade para ajudar os cortadores. Seu nome era Raúl Sendic, que em pouco tempo se tornaria um dos nomes mais importantes das esquerdas da América Latina.

Sendic liderou, em Montevideu, marchas e manifestações dos cortadores de cana — trabalhadores que não recebiam salários fixos, moravam em choupanas construídas no meio dos canaviais e trabalhavam até 16 horas por dia. Uma das reivindicações era a desapropriação de 22 mil hectares para distribuir terras aos trabalhadores. Raúl Sendic percebeu que, dentro daquele sistema político, a luta dos cortadores seria infrutífera. Em 1963, rompeu com o Partido Socialista e foi à luta. Os tupamaros — nome que homenageia Túpac Amaru, o imperador inca morto pelos espanhóis em 1571 — não acreditavam nas eleições. De base nacionalista, o grupo foi influenciado pela Revolução Cubana e pelos estudos de Régis Debray. Ao contrário, porém, do que pregavam essas experiências, os tupamaros atuavam nas cidades, por dois motivos: primeiro, porque o pampa uruguaio não era refúgio ideal para guerrilheiros; segundo, porque o país era majoritariamente urbanizado.





Ao povo, os tupamaros se apresentavam como benfeitores: roubavam caminhões de alimentos e os distribuía nos bairros humildes.

Em 1973, veio o golpe militar, e os tupamaros entraram em decadência. Nos últimos seis meses de vida da organização, mais de mil militantes foram presos, cerca de 700 só em Montevideu. Numa autocrítica divulgada na ocasião, o jornal “Correo Tupamaro” anunciou: “Nossas deficiências foram: por um lado, subestimar o inimigo, que era muito mais poderoso do que acreditávamos [...]; por outro, não avaliáramos, em termos justos, a grande capacidade de luta do povo — confiávamos excessivamente nas nossas próprias forças”.

<http://memorialdademocracia.com.br/card/america-latina/11>

LA OPERACIÓN ESTRELLA, LA MAYOR FUGA DE UNA CÁRCEL DE MUJERES DE LA HISTORIA

Fue la mayor fuga planificada de una cárcel de mujeres de la historia. En la noche del 30 de julio de 1971, 38 de un total de 42 presas políticas que estaban detenidas en la cárcel de Cabildo, un penal femenino en el centro de Montevideo escaparon por un agujero en el piso. La fuga tuvo ribetes cinematográficos: las mujeres -la mayoría miembros del Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros (MLN-T)- atravesaron casi 40 metros de túneles, que habían sido meticulosamente excavados por meses, desde el exterior. Así, llegaron hasta una casa cercana, que había sido elegida como parte del plan, donde pudieron cambiarse la ropa y escapar, en grupos, hacia la libertad. La masiva fuga conmocionó al país y descolocó a las autoridades, que tardaron cerca de tres meses en descubrir cómo se había llevado a cabo el complot.



“A Redoblar”

<https://www.youtube.com/watch?v=stZi3-7fQDk>

“A redoblar es una canción del grupo uruguayo Rumbo, interpretada por primera vez en 1979 y grabada en el primer álbum de la banda, Para abrir la noche, en 1980. Se convirtió en un referente del canto popular uruguayo y de la canción de protesta durante la dictadura cívico-militar de 1973-1985.

La canción la compusieron Mauricio Ubal y Rubén Olivera. Empezó a difundirse primeramente en las actuaciones en vivo. Posteriormente, mediante la grabación del disco y la difusión en las radios, tomó una repercusión mucho más amplia. También, de manera informal, se transmitía en casetes, mezclada con otras canciones, que llegaba a las personas que estaban en el exilio o en la cárcel. El tono de la canción trasmite un calmo llamado a la liberación de la opresión. A estos efectos, comienza con la luminosa frase

‘Volverá la alegría’.

Dado el contexto de censura, los entredichos y la simbología eran más importante que lo dicho directamente.”



Carlos Páez Vilaró

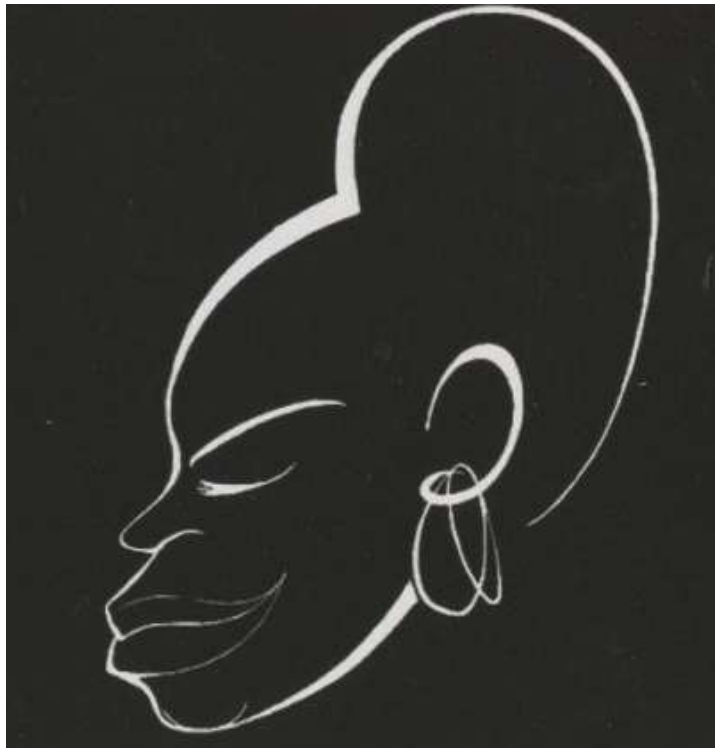
«Ninguna palabra nunca
ningún discurso
-ni Freud, ni Martí
sirvió para detener la mano
la máquina del torturador.

Pero cuando una palabra
escrita
en el margen en la página
en la pared
sirve para aliviar el dolor
de un torturado,
la literatura tiene sentido.»



Cristina Peri Rossi ha sido una de las cuentistas contemporáneas más destacadas de Uruguay a partir de la década de 50, mientras que los editores de la revista Confluencia dicen que «es considerada una de las escritoras más importantes de habla castellana, traducida a más de veinte lenguas. Sin embargo, fue censurada durante la dictadura militar que gobernó Uruguay de 1973 a 1985. Su obra fue prohibida en el país, así como la mención de su nombre en los medios de comunicación. A pesar de su exilio en España, bajo el régimen de Franco, y también después en París, la autora siguió publicando obras de alto contenido político y no dejó de involucrarse en labores de activismo fuera de Uruguay. Peri Rossi ha sido una autora pionera y es la única escritora femenina vinculada al boom latinoamericano, un movimiento que generalmente es asociado con autores como Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa y Carlos Fuentes.





Lágrima Ríos, mulher negra e proeminente cantora de candombe e tango de ascendência afro-uruguaia.

Sua voz era poderosa e ela também é conhecida como "Pérola Negra do Tango" e "Senhora de Candombe".

“Negra María”:

<https://www.youtube.com/watch?v=3nekKf6NF5U>.

O candombe é uma dança com atabaques típica da América do Sul. Essa manifestação cultural teria surgido no Uruguai, ainda no século XVIII, a partir da mistura dos ritmos africanos trazidos ao Rio da Prata pelos escravos e tem um papel significativo na sua cultura dos últimos duzentos anos.

Na capital uruguaia Montevideú, os bairros "Sur" e "Palermo" são conhecidos como berços do candombe. Foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura como Patrimônio.

Jaime Roos, músico e compositor uruguaio, popularizou o gênero musical candombe, levando-o às ruas e rádios uruguaias.



CANTO LIBRE





com os grandes:
Daniel Viglietti e Benedetti

<https://www.youtube.com/watch?v=gCHCbtPDbno&t=3083s>

«Defender la alegría
como una trinchera
defenderla del escándalo
y la rutina
de la miseria y los
miserables
de las ausencias
transitorias
y las definitivas»



«Yo sigo siendo
tupamaro, alguien que
se rebela contra la
injusticia. Nunca dejé
de serlo»

Mujica na Assembleia Geral das Nações Unidas, onde esteve reivindicando as sempre atuais necessidades de seu povo, bandeira dos Tupamaros.

TUPAMARO
SOMOS TODOS

FALA de Pepe Mujica na Concha Acústica da UERJ 28/08/2015

Lembremos: ninguém, mais que ninguém, eu é que tenho de agradecer a vocês o calor que me prestam, por sua juventude, pelas lembranças de tantos e tantos estudantes que foram ficando pelos caminhos de nossa América Latina. Recebam meu agradecimento de um velho de 80 anos que uma vez foi jovem. E lembre-se: as repúblicas surgiram pelo sonho de que as maiorias mandem.

E ainda vivemos no continente mais injusto e ao mesmo tempo mais rico em recursos naturais do mundo. A minha geração não pôde, mas vocês têm de continuar levantando a bandeira da igualdade.

...

Esse é o dilema: ter consciência e escolher o rumo, ou deixar que o mercado trace o seu rumo. Dependerá de vocês, porque a vida é linda. Não há nada mais lindo que a vida, mas é preciso defendê-la pela liberdade.

E não deixe que te roubem a liberdade. A liberdade não se vende: a liberdade se ganha, e se ganha fazendo algo pelos demais, sem mandar a conta. Isso se chama solidariedade.

Isto é uma luta entre o egoísmo natural que a natureza nos pôs para que cada um lute pela vida e as de seus entes queridos, e a solidariedade é o interesse da espécie, caminhar do homem sobre a Terra.

Sem solidariedade, não há civilização.

Devemos viver nessa contradição fenomenal: nunca, nunca o homem teve tanto. É possível mudar a natureza. É possível salvar o planeta. É possível povoar os desertos. É possível cultivar o mar. É possível esparramar a vida humana pelo universo. A vida humana. Mas, para isso, é preciso começar a pensar como espécie. Não só como país. É preciso assumir a humanidade, o mundo inteiro. Os pobres da África não são "da África": são nossos! Os que morrem no Mediterrâneo tentando atravessar são nossos. Compatriotas são todos os abandonados que existem no mundo, todos os esquecidos, porque pertencem à nossa espécie,

embora não se dêem conta, embora estejam cheios de egoísmo, embora estejam cheios de miséria.

É a hora de um continente diferente, de uma civilização diferente. Não temos que imitar a Europa, nem o Japão. Não podemos querer o desenvolvimento com dor, o desenvolvimento com angústia.

Desenvolvimento com felicidade para todos. A generosidade é o melhor negócio para a humanidade. E o pior negócio são os bancos. Por isso, eu tenho que agradecer a vocês pelo carinho, pero quero transmitir a vocês que, às vezes, a dor ensina mais que o triunfo.

Pode-se viver com os justos, pode-se viver com sobriedade, e pode-se viver com sobriedade para ganhar a liberdade. Você não pode gastar sua vida trabalhando e trabalhando para pagar prestações e continuar, e continuar.

...

Por favor, aos 80 anos, não venho buscar aplausos. Venho acender a chama da militância pelas causas nobres.

Não há homem insubstituível: há causas insubstituíveis. E essas causas precisa de defesa coletiva organizada de homens. Os seres humanos somos gregário.

Precisamos de ferramentas coletivas para tentar modificar a realidade. Os homens sozinhos, isolados, por mais geniais que sejam, não são mais que franco-atiradores. Nunca franco-atiradores ganharão as batalhas. Quem ganha são as massas. E isso é preciso entender. É preciso criar ferramentas políticas de compromisso coletivo e aprender a dor de andar coletivamente, o que muitas vezes significa a aprender a perdoar porque ninguém é perfeito. Mas os perfeitos ainda continuam falando isolados. E para que exista mudança são necessários gigantesco seres coletivos. É preciso superar o individualismo e criar consciências coletivas.

“A liberdade não se vende: a liberdade se ganha, e se ganha fazendo algo pelos demais, sem mandar a conta. Isso se chama solidariedade.”



AL OTRO LADO DEL RÍO
JORGE DREXLER

Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz al otro lado del río

El día le irá pudiendo poco a poco al frío
Creo que he visto una luz al otro lado del río

Sobre todo creo que no todo está perdido
Tanta lágrima, tanta lágrima y yo, soy un vaso vacío

Oigo una voz que me llama casi un suspiro
Rema, rema, rema-a Rema, rema, rema-a

En esta orilla del mundo lo que no es presa es baldío
Creo que he visto una luz al otro lado del río

Yo muy serio voy remando muy adentro sonrío
Creo que he visto una luz al otro lado del río

Sobre todo creo que no todo está perdido
Tanta lágrima, tanta lágrima y yo, soy un vaso vacío

Oigo una voz que me llama casi un suspiro
Rema, rema, rema-a Rema, rema, rema-a

Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz al otro lado del río

<https://www.youtube.com/watch?v=cg1wDc9JVB4>



SALA DE ATIVISMO
NACIÓN PACHAMAMA